

MORTALIDADE DA SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL DURANTE O PERÍODO DE 2010 A 2019

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1ª edição, de 22/03/2021 a 24/03/2021

ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7

BARROS; PABLA FAGNA DE SOUSA ¹, NASCIMENTO; CAROLINA SANTOS GONDIM ², VILLAFUERTE; LUANA KELLY MARQUES ³, CUNHA; ANDREZA CAROLINE OLIVEIRA ⁴

RESUMO

A sífilis é uma infecção bacteriana sistêmica, crônica e curável, entretanto é uma das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) mais comuns que impacta severamente na saúde reprodutiva e infantil. Quando não tratada ou tratada de forma inadequada, essa patologia pode ser transmitida verticalmente para o feto durante a gravidez, causando a sífilis congênita. No Brasil, essa doença vem crescendo progressivamente nos últimos 10 anos. Esse cenário é reflexo da conduta terapêutica ineficaz e da ausência de identificação dessa enfermidade nos primeiros 3 meses de gestação, que poderiam reduzir a transmissão vertical da sífilis. O objetivo desse estudo é avaliar a mortalidade da sífilis congênita no Brasil de 2010 a 2019. O presente estudo pode ser classificado como observacional, analítico, retrospectivo e transversal. Foi realizado com base em dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM/SUS), retirados do DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil). Foram incluídos pacientes representados na Categoria CID-10 como “Sífilis congen”, no intervalo dos anos 2010 a 2019. Algumas das variáveis estudadas foram: sexo, faixa etária e raça/cor. Para processamento e análise dos dados, bem como para produção dos gráficos, utilizou-se o Microsoft Office Excel® 2016. Entre 2010 e 2019, foram notificados 1829 óbitos. A região que apresentou o maior número de óbitos foi a Sudeste, registrando 43,08% do total de casos. O Rio de Janeiro destacou-se com o maior número de óbitos (24,71%), seguido por São Paulo (10,22%). O sexo mais acometido pela Sífilis Congênita foi o masculino, com 54,40% do total de óbitos. Ao analisar a idade, é notória a prevalência de mortes na faixa etária menor que 1 ano (97,10%), sendo quase duzentas vezes mais frequente do que na faixa de 1 a 4 anos (0,54%). A raça parda apresentou o maior número de óbitos (58%), seguida pela branca (26,29%). A taxa de mortalidade cresceu de 0,68 para 1,23 por 100 mil habitantes durante o período analisado, o que representa um aumento percentual de aproximadamente 100%. Quanto à taxa de letalidade, foi observado um decréscimo de cerca de 50% de seu valor, que passou de 1,38% (2010) para 0,76% (2019). Através dessa pesquisa, evidencia-se que houve maior prevalência da mortalidade por Sífilis Congênita no sexo masculino, na raça parda e em idades inferiores a 1 ano. Além disso, notou-se aumento da taxa de mortalidade da doença no Brasil, durante a década analisada. Em contrapartida, a taxa de letalidade apresentou redução, sugerindo avanços no tratamento da doença, uma vez que houve aumento significativo do número de casos. Visto isso, percebe-se a importância de reconhecer a epidemiologia da Sífilis Congênita, a fim de facilitar o rastreamento e compreender os possíveis fatores de risco associados, evitando complicações e óbitos.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis Congênita, Mortalidade, Brasil

¹ UNIVERSIDADE SALVADOR - UNIFACS

² UNIVERSIDADE SALVADOR - UNIFACS

³ UNIVERSIDADE SALVADOR - UNIFACS

⁴ UNIVERSIDADE SALVADOR - UNIFACS